

**A RUPTURA DO CICLO E O PAPEL DA MEMÓRIA EM TRÊS
POEMAS DE LAILA ANGELICA MORAES (2023)**

Ariel Montes Lima (UFMT)
gabrielfelipe0308@gmail.com

RESUMO

Esse artigo teve por objetivo analisar o papel da memória em três poemas de Laila Angelica Moraes⁴ (2023) publicados na Coluna Desalinhos Poéticos – Revista Ikebana. A análise consistiu em dois momentos: 1) observação da forma poética empregada e suas características e 2) análise do tema da memória e seu papel impresso no conteúdo dos poemas. Foi possível observar que o discurso do eu lírico ao longo dos três textos revela a posição de um sujeito psicologicamente regredido em processo de libertação da memória traumática.

Palavras-chave:

Memória. Poesia. Repetição.

ABSTRACT

This article aimed to analyze the role of memory in three poems by Laila Angelica Moraes (2023) published in the Desalinhos Poéticos Column – Ikebana Magazine. The analysis consisted of two moments: 1) observation of the poetic form employed and its characteristics, and 2) analysis of the theme of memory and its role printed in the content of the poems. It was possible to observe that the discourse of the lyrical self throughout the three texts reveals the position of a psychologically regressed subject in the process of liberating traumatic memory.

Keywords:

Memory. Poetry. Repetition.

1. Introdução

A compulsão à repetição, o trauma, a angústia, o ciclo e a memória são motes extremamente recorrentes na literatura, sobretudo, a partir do século XX (SOUZA, 2018). Com a ascensão da psicanálise a fins do século

⁴ Laila Angelica Moraes nasceu em Votuporanga-SP. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev (Centro Universitário de Votuporanga). Graduada em História pela UNICV (Centro Universitário Cidade Verde). Professora de Língua Portuguesa e Espanhola, Pedagoga, Pesquisadora, Revisora e Escritora. Especialista em Educação. Textos publicados nas Revistas Mallarmargens, Ruído Manifesto e Sucuru. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá, Expressividade, EHS Edições e Mente Aberta. Autora do livro de poesias “Poememórias” (2021) pela Editora Expressividade. Acadêmica Efetiva da ACILBRAS, Membro afiliada da ABRESC e Acadêmica Correspondente da NALAP (MORAES, 2023, [s.n.]).

XIX e princípio do XX, tais elementos ganharam um novo olhar, mais apurado a partir da descoberta do Inconsciente e das diversas instâncias do aparelho psíquico. Assim, a análise literária, aliada à nova ciência, se favoreceu de tais conhecimentos; o que corroborou para o surgimento de novos caminhos interpretativos.

Diante disso, meu propósito nesse artigo é analisar a concepção de ciclicidade na/da vida e o papel da memória apresentados em três poemas de autoria de Laila Angelica Moraes (2023) a partir dos conceitos acima referenciados. Os textos foram publicados em novembro de 2023 na Revista Ikebana, na Coluna intitulada Desalinhos Poéticos e assinada pela referida escritora.

Ademais, saliento que emprego, voluntaria e conscientemente, a primeira pessoa do singular com o objetivo de demarcar o posicionamento discursivo da pessoa pesquisadora. Afinal, a crítica à perspectiva cartesiana dos estudos literários forma parte da proposta deste texto.

2. Desenvolvimento

Essa seção está dividida em duas partes. No primeiro tópico, apresento os poemas a serem analisados, trazendo alguns apontamentos a respeito de sua forma composicional e contextualizando-os em relação ao suporte de publicação e à autoria. No segundo momento, desenvolvo a análise temática dos textos a partir dos conceitos de memória, trauma e compulsão à repetição, com vistas a identificar como o passado e o presente estão articulados na lírica de Laila Angelica Moraes.

2.1. O corpus e sua composição

Nessa seção, apresento os três poemas que compõem o *corpus* estudado. Tais textos, como dito anteriormente, são de autoria de Moraes (2023, s. n). Esses foram reproduzidos abaixo em sua integralidade, com a introdução da contagem de seus versos. Da mesma forma, nesse tópico são realizadas algumas considerações preliminares a respeito da forma e do estilo composicional.

À continuação, apresento o primeiro poema a ser observado:

Procrastinação inconstante
(MORAES, 2023)

O pensamento perpendicular 01
pousa no passado
pomposo. 03

O primeiro texto não possui métrica fixa, nem um padrão de rimas definido. Existe, entretanto, uma aliteração da consoante /p/. Sua estrutura, do mesmo modo, não obedece a uma forma pré-definida, embora o formato de triângulo invertido, oportunizado pela quantidade decrescente de sílabas em cada verso, possa aludir ao decaimento emocional do sujeito. Nesse ponto, destarte, ele se assemelha ao haicai, que se caracteriza pela captura de um instante por meio da linguagem direta e profunda (SOUZA, 2023).

Contristação imutável

(MORAES, 2023)

O palimpsesto de minhas lembranças 01
me atormentam [sic]
tornando-se um palíndromo. 03

Esse poema, assim como o anterior, se compõe de três versos. Não há um padrão de rimas estabelecido em sua estrutura, ou uma métrica fixa. O texto ainda, diferente do anterior, apresenta uma forma composta por um verso longo, um curto e um longo. Essa articulação pode servir para dar ênfase ao sofrimento que as lembranças proporcionam ao eu lírico expresso no 2º verso.

Chama a atenção, igualmente, o emprego das palavras palimpsesto e palíndromo.

Palimpsesto (do grego antigo *παλιψηστος*, transl. “palímpsêstos”, “aquilo que se raspa para escrever de novo”: *πάλιν*, “de novo” e *ψάω*, “arranhar, raspar”) designa um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização. Tal prática foi adotada na Idade Média, sobretudo entre os séculos VII e XII, devido ao elevado custo do pergaminho. A eliminação do texto era feita através de lavagem ou, mais tarde, de raspagem com pedra-pomes. (WIKIPÉDIA, 2023a, [s.n.]

Já o termo palíndromo designa “uma palavra, frase ou número que permanece igual quando lida de trás para diante [...] palíndromo é qualquer série de elementos com simetria linear, ou seja, que apresenta a mesma sequência de unidades nos dois sentidos” (WIKIPÉDIA, 2023b, s. n.).

A tão esperada liberdade

(MORAES, 2023)

Liberto-me de minhas dores 01
entranhadas que sangram
minhas feridas abertas 03

Finalmente, nesse último poema, a escritora rompe com a estrutura de 03 versos. Ela mantém, todavia, a linguagem direta e objetiva característica, usando de versos mais curtos, o que confere maior unidade ao texto poético.

2.2. Análise de conteúdo

Os poemas selecionados se articulam em torno do eixo passado-presente, no qual a referência à memória do que já ocorreu destaca sua influência na condição do indivíduo em seu momento atual. Principiando nossa análise pela questão da memória, Green (2007) destaca que

Nenhum paciente pode realmente se lembrar de todas as incidências e consequências de um evento. Se a pessoa se lembra de um fato através da memória, ele geralmente está dissociado, para evitar a repetição de sua natureza traumática vinculada a outros aspectos seus, isto é, a qualidade alucinatória do relembrar, sua qualidade de estranheza. (GREEN, 2007, [s. n.]

É evidente nos dois primeiros poemas que a memória ocupa um lugar central na manutenção da imobilidade; algo endossado, no primeiro poema, pela relação da voz poética com um suposto “passado pomposo” reacendido pelo “pensamento perpendicular”. Já no segundo texto, é perceptível a noção de que o passado atuaria enquanto um elemento subjacente na construção da identidade e da construção vital do sujeito. Isso se manifesta pela relação diádica entre o “palimpsesto das lembranças” e o “palíndromo” que constituiu o eu lírico.

Nesse sentido, há uma progressão cíclica, uma repetição interna de um padrão limitante, no qual atuam o passado, a recordação distorcida do passado e o comportamento presente.

Ademais, tendo em vista que a memória é o agente que mobiliza os afetos na manutenção da imobilidade, cabe apontar que essa catalisa no sujeito a compulsão à repetição. Para discutir a questão da ciclicidade das experiências humanas e tal compulsão, é mister destacar que

[...] é [...] uma só e mesma pulsão que se repete e que se liga e fixa ao repetir-se. Se esta repetição equivale a uma tentativa de ter mão, *a posteriori*, sobre um evento traumático ao qual o sujeito foi exposto de forma imprevista, esta repetição nunca é pois devida a uma nova pulsão sexual ou a uma coloração libidinal suplementar (?) [...] Não é a mudança, mas a repetição alucinatória do mesmo evento que supostamente cura as “feridas” psíquicas [...]. Mas é igualmente verdade que esta repetição

pulsional tanto volta a abrir e envenenar estas feridas como as cura! Quererá dizer que a repetição pulsional tem um carácter ambivalente, quer dizer, que quer ao mesmo tempo curar e envenenar? Não seria mais justo adiantar que a compulsão de repetição não quer nem curar nem fazer sofrer, porque não quer nada – a não ser o prolongamento indefinido do mecanismo da sua própria repetição? Isso significaria que a pulsão é, por natureza, totalmente *indiferente* quanto ao conteúdo da sua repetição e quanto aos resultados desta. (BERNET, 2016, p. 252)

Pensando na relação da memória na reencenação do trauma e na manutenção do estado de angústia e imobilidade, comenta Souza (2018, p. 192) que

A relação entre trauma e literatura existe [...] desde sempre, mas essa relação intensificou-se inevitavelmente ao longo do século XX, uma era em que a literatura, assim como a humanidade, foi atingida por uma série de episódios históricos extremos, desencadeadores de traumas capazes de atravessar gerações. (SOUZA, 2018, p. 192)

A Memória do passado, dessarte, emerge como o que prende o indivíduo ao que já não pode mais ser. A dor do passado faz o sujeito repetir a mesma história em um processo inconsciente de ciclicidade.

Com efeito, nos três poemas estudados, surge a sombra de um “Passado Fantasma”. Isto é, que já está morto, mas não propriamente abandonado, sendo, ainda, capaz de suscitar adversidades para o eu lírico. É, destarte, essa natureza etérea – mas sempre presente – o que torna dificultoso o enfrentamento de uma realidade, ao mesmo tempo, presente e ausente. Por isso, o último dos textos ilustra com certa clareza a ruptura com o ciclo.

A Libertação que ocorre no último texto é, mais do que qualquer coisa, uma libertação do que se é. Por essa perspectiva, assinalo ainda que a captura dos momentos acompanha uma série de recortes do que parecem ser momentos da vida desse eu lírico; a saber:

1º – imobilidade endossada pela memória distorcida;

2º – nostalgia por um passado irreal;

3º – regresso à realidade do presente e abandono das fantasias do passado.

A partir dessa perspectiva, o trauma não necessariamente se revela na/pela narração do sofrimento, mas se apresenta pela retomada de uma memória bela contaminada pela nostalgia de um passado irrepitível. Isso parece indicar que esse eu lírico assume uma posição melancólica em relação ao presente, comparando-o ao passado. É possível, contudo, que a

idealização do passado, antiteticamente, ocorra como uma resposta à própria dor que os eventos desse passado infligem ao sujeito.

Dessa forma, o “passado pomposo”, na verdade, é um passado “soterrado” (palimpsesto) que desperta o tormento no eu poético. Isso se conclui em virtude do emprego dos termos “entranhadas que sangram” (v. 02) e “feridas abertas” (v. 03), aludindo à presença da memória traumática reprimida.

Ademais, é perceptível que o emprego da sugestão como mobilizadora dos elementos semióticos empregados (como o palimpsesto e o palíndromo) aludem um sentimento de que a voz do eu lírico busca representar o irrepresentável. É dizer: a expressão direta e lógica dos fatos que angustiam é rejeitada em prol do uso das representações expressas nos três recortes, como se cada cena evocada figurasse como metonímia da experiência.

Mais do que isso, todavia, a apresentação dos elementos da angústia impressos nos dois primeiros poemas se assemelha ao processo de regressão experienciado por sujeitos expostos a situações angustiantes. Tal movimento se caracteriza como um

[...] retorno do sujeito a etapas ultrapassadas de seu desenvolvimento (como fases libidinais, relações de objeto, identificações...), assim como a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior no ponto de vista da complexidade, estruturação e diferenciação (AKKARI, [s.d.]

Esse mecanismo de defesa do ego “ocorre quando, percebendo-se diante de uma frustração marcante, o indivíduo retorna a uma fase que já se pensava superada por ele, na tentativa de fugir do conflito. Fase esta onde ele teria encontrado certo prazer” (SANTOS, 2022).

Já o último poema destaca um comportamento característico de um sujeito-eu-lírico em processo de elaboração de suas angústias. É possível teorizar ainda que o emprego da comparação entre as “feridas que sangram” e as “janelas que se abrem com o vento” poderia figurar como uma alusão ao próprio ato curativo de verbalizar (pela poesia quiçá) aquilo que provoca a dor, afinal “por meio da fala, é dada ao paciente a oportunidade de se conectar com ideias recalcadas que produzem os sintomas atuais. Assim, ele passa a ter uma nova compreensão desta memória” (FOCHESATTO, 2011, p. 166), pois, “quando a reação é reprimida, o afeto permanece ligado à lembrança e produz o sintoma” (*Id. ibid.*).

3. Conclusão

Nesse artigo, pretendi analisar o papel da memória em três poemas da escritora Laila Angelica Moraes. Foi possível perceber que o passado – reavivado pela lembrança – ocupa um papel central na manutenção dos ciclos de angústia do eu lírico estabelecido nos textos.

Pude notar, ainda, uma articulação entre a memória inconsciente e a *reexperimentação* do sofrimento psíquico, tal que o extravasamento, a partir da verbalização, parece emergir enquanto maneira de se reelaborar as experiências dolorosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKKARI, Paula Farias. Mecanismos de defesa do Ego. *InfoEscola*, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: Mecanismos de Defesa do Ego - Psicanálise – InfoEscola. Acesso: 01 jan. 2024.

BERNET, Rudolf. As pulsões de morte e o enigma da compulsão de repetição (Freud e Lacan). *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 35, p. 247-64, 2016.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. A cura pela fala. *Estudos de Psicanálise*, n. 36, p. 165-72, Belo Horizonte-MG, Dezembro-2011. Disponível em: 1 – ARTIGO-ABERTURAS-REV-EST-36.indd (bvsalud.org). Acesso: 01 jan. 2024.

GREEN, André. Compulsão à repetição e o princípio de prazer. *Revista brasileira de psicanálise*, v. 41, n. 4, p. 133-41, 2007.

MORAES, Laila Angelica. Coluna Desalinhos Poéticos-Nov. 2023. *Revista Ikebana*. Disponível em: COLUNA DESALINHOS POÉTICOS-LAILA ANGELICA MORAES | by Revista Ikebana | Nov, 2023 | Medium. Acesso: 02 nov. 2023.

SANTOS, Samantha B. *Mecanismos de defesa do ego segundo Freud*. 2022. Psicanálise Clínica. Disponível em: Mecanismos de defesa do ego segundo Freud – Psicanálise Clínica (psicanaliseclinica.com). Acesso: 01 jan. 2024.

SOUZA, Ana Paula de. *A escrita e a função social do romance de memória contemporâneo*: Sefarad (2001) de Antonio Muñoz Molina. Tese (Doutorado). Campinas: Unicamp, 2018. Disponível em: Terminal RI - SophiA Biblioteca Web (unicamp.br). Acesso em: 11 de nov. 2023.

SOUZA, Sandra Maria Alves de. Haicais na composição poética de Eduardo Mahon. *Revista Água Viva*, [S.l.], v. 5, n. 2, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i2.30907. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/30907>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Outras fontes:

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. *Palimpsesto*. 2023a. Disponível em: Palimpsesto – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso: 29 dez. 2023.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. *Palíndromo*. 2023b. Disponível em: Palíndromo – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso: 29 dez. 2023.